



DEPENDÊNCIA DE DROGAS SOB A PERSPECTIVA DO COMPORTAMENTO OPERANTE

DRUG DEPENDENCE FROM THE PERSPECTIVE OF OPERATING BEHAVIOR

Fábio Batista Sobral¹

e341309

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i4.1309>

PUBLICADO: 04/2022

RESUMO

Este artigo pretende discutir a dependência de drogas a partir do conceito de comportamento operante do campo científico da Análise Comportamental, ciência fundamentada na filosofia do Behaviorismo Radical de Skinner. Inicialmente é apresentado o modelo moral para a causalidade da dependência química e, em seguida, a perspectiva do campo biomédico que compreende a dependência química enquanto doença. Na oportunidade, é exposta a definição disponibilizada pela Associação Americana de Psiquiatria, a qual descreve o uso, o abuso e a dependência como sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos, além de indicativos de que o indivíduo continua utilizando as substâncias apesar dos problemas a ela relacionados. Finalmente é apresentada uma compreensão funcional da dependência química, na qual se verifica que o uso de substâncias é um tipo de comportamento mantido por controle de estímulos antecedentes e por suas próprias consequências.

PALAVRAS-CHAVE: Dependência de drogas. Modelo de causalidade. Análise do comportamento

ABSTRACT

This article intends drug addiction from the concept of functioning of the scientific field of Behavior Analysis, a science based on the philosophy of Skinner's Radical Behaviorism. Initially, the moral model for the causality of chemical dependence is presented, followed by the perspective of the biomedical field that comprises chemical dependence. On the occasion, he is exposed to the definition available by the American Psychiatric Association, which describes use, abuse and dependence as cognitive, behavioral and physiological, in addition to indicating that the individual continues to use substances despite the problems related to it. Finally, a functional understanding of chemical dependence is presented, in which it is verified that the use of substances is a type of behavior maintained by controls of antecedent foundations and by its consequences.

KEYWORDS: Drug addiction. Causality mode. Behavior analysis

1 INTRODUÇÃO

O consumo de drogas caminha paralelamente à própria história da humanidade e, de alguma forma, continuarão acompanhando-a (MACHADO, 2013). Porém, a compreensão das maneiras e momentos de uso apresenta importantes variações que parecem acompanhar um percurso social e histórico, delineando estratégias de contenção dos desvios, com base nos conhecimentos e interesses de cada época e contexto (PRATTA, 2009).

Hodiernamente, o consumo prejudicial de drogas é considerado um dos principais problemas de saúde pública no mundo e mostra-se enquanto desafio a ser superado pelo poder público, de maneira particular, e pela comunidade em geral. Afeta as várias dimensões dos usuários,

¹ Atualmente é psicólogo de saúde indígena no Distrito Sanitário Especial Indígena de Alagoas e Sergipe, lotado no Polo Base Katokinn, é mestre em psicologia pela Universidade de Pernambuco — Campus Garanhuns, especialista em dependência pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras, e especialista em Saúde Pública pela Universidade Cândido Mendes.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DEPENDÊNCIA DE DROGAS SOB A PERSPECTIVA DO COMPORTAMENTO OPERANTE
Fábio Batista Sobral

comprometendo suas relações sociais, condições econômicas e familiares, transformando estes em codependentes, causando sofrimento e desolação (ALVAREZ, 2014).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001), cerca de 10% da população mundial consomem de maneira abusiva substâncias psicofarmacológicas, independentemente da idade, nível de instrução ou mesmo condição socioeconômica. No Estado brasileiro, o II Levantamento Domiciliar sobre Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil estimou que o índice de dependentes de álcool em 2005 era de 12,3% e, de tabaco, 10,1%, o que correspondia a populações de 5.799.005 e 4.760.635 de pessoas, respectivamente; representando um aumento de 1,1%, quando as porcentagens de 2001 e 2005 são comparadas, tanto para álcool como para tabaco (BRASIL, 2014). Diante disso, o Estado brasileiro, bem como organizações sociais e diversos setores da sociedade vem buscando, não apenas compreender as causas este complexo fenômeno, mas também ofertar intervenções que capazes de acabar ou, ao menos, mitigar o sofrimento daqueles envolvidos, direta ou indiretamente, com o uso prejudicial de drogas.

As drogas podem ser caracterizadas enquanto qualquer substância, natural ou sintética, que ingerida, inalada ou administrada, é capaz de alterar estruturas e funções orgânicas, afetando o comportamento e levando o usuário à dependência, seja por uso ocasional, hábito, vício ou abuso (CEBRID; SENAD, 2011). Tais alterações podem variar em consequência das características individuais, emocionais e físicas de quem as utiliza, do tipo de droga escolhida, da quantidade, frequência de uso e circunstâncias em que é consumida.

Ao tratar sobre a dependência, a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10) apresenta-a enquanto conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos, no qual o consumo de uma ou mais drogas se torna mais relevante do que outros comportamentos considerados importantes pelo indivíduo, antes de entrar no mundo das drogas (OMS, 2003). Classificada entre os transtornos psiquiátricos, a dependência química ou de substâncias psicoativas (SPA) é entendida enquanto uso abusivo e descontrolado de substâncias, mesmo quanto este uso acarreta sofrimento e prejuízos ao usuário, família e sociedade (OMS, 1993).

Com a aprovação do decreto 9.761 de 11 de abril de 2019, que instituiu a Política Nacional Sobre Drogas (PNAD), delineou-se enquanto um dos seus pressupostos a necessidade de reconhecer as diferenças entre o usuário, o dependente e o traficante de drogas e, com isso, tratá-los de forma diferenciada (BRASIL, 2019).

Diante do exposto, este artigo busca contribuir por meio da apresentação sucinta dos principais modelos empenhados em compreender e explicar a causalidade do comportamento de dependência de drogas, dentre eles serão apresentados os modelos morais; o de dependência enquanto doença e, por fim, àquele fundamentado na filosofia do behaviorismo radical de Skinner que compreende a dependência química enquanto comportamento. É importante salientar que este último modelo será tratado de maneira mais detalhada, tendo em vista que o mesmo, versa sobre aspectos da funcionalidade do fenômeno em estudo, aproximando-se de informações importantes à compreensão e intervenção sobre a dependência de drogas.



2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de revisão não sistemática acerca dos principais modelos empenhados em compreender e explicar a causalidade do comportamento de dependência de drogas, dentre eles serão apresentados os modelos que buscam explicá-la a partir de uma perspectiva moral; da dependência enquanto doença e, por fim, àquele fundamentado na filosofia do behaviorismo radical de Skinner. Para tal, foram utilizados artigos publicados e indexados nas bases de dados *Scielo* (*Scientific Eletronic Libraly Online*); Bireme e Google acadêmico de modo a se identificar publicações recentes envolvendo a temática sobre modelos explicativos para o comportamento de dependência de drogas.

3 MODELO MORAL

Durante muito tempo (quijá na atualidade) a dependência de droga foi compreendida enquanto uma falta de vontade para interrupção do uso da substância, de acordo com um julgamento moral que se faz do usuário (SILVA; GERRA; GONÇALVES; GARCIA-MIJARES, 2001). Nesta perspectiva, a força de vontade seria mais que o suficiente para a extinção daquele comportamento e, a partir dela, seria possível classificar o sujeito como fraco/forte, preguiçoso/esforçado, correto/imoral (SILVA; GERRA; GONÇALVES; GARCIA-IJARES, 2001).

Pode-se verificar nesse modelo de causalidade traz noção de um homem autônomo, capaz de controlar seus próprios comportamentos a partir de experiências internas, evidenciando-os como resultados de uma autorrealização (BOGO, 2012). Uma das principais consequências deste modelo é que as pessoas são levadas a sentirem-se culpadas pelo desenvolvimento da dependência química bem como a entender que, de alguma forma, lhes faltam força de vontade ou “fibra moral”, por não conseguirem modificar com sucesso seus próprios comportamentos (PILLON, 2004). Mesmo não sendo uma explicação atrativa para a maioria dos profissionais da saúde que busca compreender, a partir de um suporte científico, os fatores correlacionados com a instalação e manutenção da dependência química e na elaboração de estratégias para o seu controle ou mitigação, este modelo continua sendo apresentado e aceito, principalmente por aqueles que sofrem, direta ou indiretamente, com este problema.

4 MODELO MÉDICO OU DE DOENÇA

A concepção da dependência química como doença, representando a nova racionalidade científica alicerçada no positivismo, objetiva defini-la como uma doença crônica, recorrente, de fundo orgânico, portanto, irrecuperável, cujos determinantes são colocados nos fatores hereditários e/ou disfunções neuroquímicas (MARLATT; GORDON, 1993; THOMAZ; ROIG, 1998; SCHNEIDER, 2010 *apud* SCHNEIDER, 2011).

Este modelo compreende, ainda, o comportamento do indivíduo dependente como desviante em relação ao padrão, no qual a ausência do consumo de drogas levaria a consequências desagradáveis como, por exemplo, a síndrome de abstinência e a dependência psicológica e/ou física



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DEPENDÊNCIA DE DROGAS SOB A PERSPECTIVA DO COMPORTAMENTO OPERANTE
Fábio Batista Sobral

que resultaria então na volta do comportamento de usar a droga (McKIM, 2000, *apud* SILVA; GERRA; GONÇALVES; GARCIA-MIJARES, 2001). Esta forma de compreensão assemelha-se à explicação da “doença mental”, na qual é definida a partir da alteração de processos funcionais neuroquímicos no Sistema Nervoso Central (OMS, 2004; THOMAZ; ROIG, 1998, *apud* SCHNEIDER, 2011).

Mesmo reconhecendo as contribuições deste modelo para o tratamento e melhoria da qualidade de vida das pessoas dependentes de substâncias psicoativas, este modelo não apresenta condições para a compreensão da instalação e manutenção do referido problema. Por outro lado, universaliza tal fenômeno ao mesmo tempo, em que ausenta a responsabilidade do indivíduo, apresentando como principais responsáveis o corpo médico por meio, basicamente, de internamento para desintoxicação e terapias farmacológicas como objetivo final de controle neuroquímico (SCHNEIDER, 2011).

5 MODELO OPERANTE

Alternativamente, a Análise do comportamento (AC) enquanto campo científico fundamentado na filosofia do Behaviorismo Radical apresenta uma compreensão da dependência química que se mostra distinta do modelo moral, bem como da perspectiva biomédica, tradicionalmente apresentada na classificação internacional de doenças (CID) e diagnóstico estatístico de saúde mental (DSM). Para ela, a dependência química é vista enquanto comportamento, guiado pelos mesmos princípios e leis de qualquer outro comportamento, mesmo que este vem a apresentar consequências indesejáveis e/ou inadequadas, comprometendo o desenvolvimento do indivíduo. “São os eventos ambientais que determinam o comportamento [...]; assim, aqui não tem sentido a consideração sobre a falta de controle voluntário do drogadicto sobre seu comportamento compulsivo, ou de características morais de sua personalidade” (SILVA, 2001, p. 424).

Por tanto, se todo comportamento é selecionado por contingências filogenéticas ou ontogenéticas, não cabe classificá-lo como patológico já que é adaptativo dentro das contingências que os mantêm. Do mesmo modo, o comportamento classificado como ‘patológico’ é instalado e mantido pelas mesmas regras de regem qualquer outro comportamento e o que poderia diferenciá-lo de outros seria o fato de poderem ser controlados por contingências ou governados por regras não compartilhadas por outros indivíduos, causar sofrimento ou apresentar perigo para o indivíduo que emite este comportamento, ou quem o cerca. (BANACO, 1997, *apud* ARAÚJO; MEDEIROS, 2003).

Este modelo possibilita o entendimento do “problema” da dependência química enquanto processo de aprendizagem passível de estudo e investigação e aponta para a possibilidade de compreensão e intervenção com fundamentação num campo científico que é a Análise do Comportamento.

Ao apresentar uma visão de homem e mundo, distinta de outros campos do saber assim como enfatizar o papel do contexto ambiental enquanto selecionador de comportamentos, a análise do comportamento, que se trata de uma abordagem teórica adota a abordagem funcional (BRITTO, 2012). “Analisar funcionalmente um comportamento significa, portanto, encaixá-lo em uma contingência de três termos: em outras palavras, verificar em que circunstâncias o comportamento ocorre e quais suas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DEPENDÊNCIA DE DROGAS SOB A PERSPECTIVA DO COMPORTAMENTO OPERANTE
Fábio Batista Sobral

consequências mantenedoras” (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 98). Nisto, o analista do comportamento tem como responsabilidade a busca pela identificação dos estímulos antecedentes e consequentes, os quais se encontram envolvidos no aparecimento e manutenção de quaisquer comportamentos.

“De acordo com a Teoria da Aprendizagem do Behaviorismo Psicológico (STAATS, 1996 *apud* MUNDIM, 2006, p. 180), três são as funções do estímulo: (a) eliciar uma resposta emocional; (b) atuar como estímulo reforçador; (c) direcionar (função discriminativa) comportamentos de aproximação ou comportamentos de fuga ou esquiva”.

“Um processo comportamental básico dos organismos é a discriminação operante, processo que compreende respostas específicas que ocorrem apenas na presença de estímulos específicos” (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 98). Nenhum comportamento, mesmo a dependência de drogas, ocorre no vácuo, sem se encontrar num determinado lugar, momento. Faz-se necessário que determinadas condições ambientais estejam presentes para que ele possa ocorrer e produzir mudanças que, mesmo podendo comprometer o desenvolvimento daquele que o emiti, diminuindo ou aumento a probabilidade futura de sua ocorrência.

Em relação à dependência química, pode-se apontar que “[...] a chegada da noite de sexta-feira, do dia do pagamento ou da pessoa com quem se costuma usar a droga junto são exemplos de eventos antecedentes” (BORLOTI, 2015, p. 325). A disponibilidade da própria substância poderá, assim, adquirir capacidade de evocar o comportamento do uso de drogas, tendo em vista o valor reforçador que fora associado pelo consumo em algum momento na vida do indivíduo. “Desse modo, qualquer substância — seja álcool, cocaína ou anfetaminas —, cujo consumo foi uma consequência reforçadora, adquire controle sobre o organismo no sentido de que o consumo se torna provável na presença da substância” (BRITTO, 2012, p. 5). No entanto, torna-se imperioso evidenciar que os estímulos antecedentes ao comportamento operante apenas tornam provável o aparecimento do comportamento.

Da mesma forma, identificar as consequências da dependência química para o organismo que apresenta tal comportamento mostra-se indispensável na busca pela compreensão de sua manutenção ou desaparecimento. Ao apresentar a droga enquanto estímulo, cuja função dependerá das consequências que a mesma produzirá e/ou contexto em que será administrada, pode-se dizer que a mesma funcionará como um possível estímulo reforçador positivo, quando aumentar a probabilidade da resposta do comportamento de autoadministração diante dos efeitos de produzir; ou como reforçador negativo, quando sua autoadministração produzir o desaparecimento de sintomas desagradáveis como aqueles da abstinência.

Enquanto reforçador positivo, as drogas podem produzir sentimentos de euforia, prazer, relaxamento assim como a aceitação e reconhecimento por determinado grupo social. Não é incomum, pessoas que usam drogas, em determinados contextos sociais, serem reconhecidas como “descoladas” e independentes. Em determinadas culturas, o comportamento de usar drogas pode ser entendimento como maneira de confraternização social.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DEPENDÊNCIA DE DROGAS SOB A PERSPECTIVA DO COMPORTAMENTO OPERANTE
Fábio Batista Sobral

Como reforçador negativo, o consumo e a dependência de drogas poderão ser mantidos pela retirada de estímulos ambientais desagradáveis, produzidos ou pela pelo próprio comportamento de consumi-las. Em relação a tais consequências, pode-se mencionar o consumo de drogas com a finalidade de remoção da ansiedade, desilusão, dores emocionais e físicas, estresse (BRITTO, 2012). Neste caso, a manutenção do comportamento dá-se pela retirada de uma condição que se mostra aversiva ao organismo. Sendo assim, o comportamento de usar drogas será fortalecido e sua probabilidade de ocorrência aumentada. Reconhecer o poder reforçador da droga mostra-se como um passo importante e negá-lo é se ludibriar. No entanto, Silva (2001) pontua que diferentes de outros reforçadores como alimento, água, comportamento sexual, a droga não contribui com o desenvolvimento do indivíduo, mesmo que sua atuação se encontre diretamente ligada aos substratos centrais de reforçamento daqueles ligados a sobrevivência.

Nesta perspectiva, a AC enquanto campo científico possibilita uma compreensão da dependência química que se mostra alternativa aos modelos tradicionais, preocupados em enquadrá-la por meio de uma descrição sintomatológica, explicações que não encontram respaldo no campo científico ou determinístico, desconsiderando outras variáveis importantes. Sendo assim, a AC oferece a possibilidade de compreensão deste fenômeno enquanto processo multideterminado, mas passível de investigação e intervenção no campo científico já que se encontra sob as mesmas leis de quaisquer outros comportamentos. Com isso, disponibilizam-se além de um referencial teórico-filosófico, metodologias e instrumentos direcionados a compreensão e intervenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como escopo a apresentação dos principais modelos de causalidade empenhados em explicar o comportamento da dependência química. Para tal, apresentou-se um recorte da problemática do uso de drogas, especificamente da dependência química para então, disponibilizar os principais conceitos deste a partir do modelo moral de dependência química. Verificou-se, então, que apesar de tal conceito encontrar-se presente na atualidade, ele apresenta limitações importantes enquanto propositor de explicações causais e construção de intervenções, principalmente pela ausência de um aparato científico.

Posteriormente, foi apresentado o modelo de dependência química enquanto doença. Neste, apesar de serem reconhecidas evoluções em relação à superação do modelo moral, foram identificadas deficiências principalmente quando não considera o próprio sujeito e seu ambiente enquanto variáveis importantes na aquisição e manutenção da dependência química. Finalmente, foi apresentada uma visão geral da dependência enquanto comportamento operante à luz da ciência da análise do comportamento. Nela, resgatou-se o indivíduo e seu ambiente enquanto variáveis importantes ao fenômeno da dependência química assim como se evidenciou a possibilidade de intervenções dentro do campo científico.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

DEPENDÊNCIA DE DROGAS SOB A PERSPECTIVA DO COMPORTAMENTO OPERANTE
Fábio Batista Sobral

REFERÊNCIAS

- ALVES, S. Q.; GOMES, G. C.; XAVIER, D. M. Causas da dependência química e suas consequências para o usuário e a família. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, v. 8, n. 3, p. 641-8, mar. 2014.
- ARAÚJO, J. R.; MEDEIROS, C. A. Classificação Diagnóstica: O que a Análise do Comportamento tem a dizer?. In: SADI, H. M.; CASTRO, N. M. S. (Orgs.). **Ciência do Comportamento: Conhecer e Avançar**. Santo Andre: Esetec, 2003.
- BOGO, A. C.; LAURENTI, C. Análise do Comportamento e Sociedade: Implicações para uma Ciência dos Valores. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32, n. 4, p. 956-971, 2012.
- BORLOTI, E. B.; HAYDU, V. B.; MACHADO, A. R. Crack: Análise comportamental e exemplos das funções da dependência. **Acta Comportamental**, v. 23, n. 3, p. 323-338, 2015.
- BRASIL. **DECRETO Nº 9.761, DE 11 DE ABRIL DE 2019**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, ano 2019, n. 70-a, 11 abril 2019. Seção I Extra, p. 7.
- BRITTO, I. A. G. de S.; BRITTO, A. L. G. S.; ALVES, J. C.; SOUSA, N. R. Sobre o comportamento de consumir e depender de substâncias. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA**, v. 4, n. 1, 2012.
- GARCIA-MIJARES, M.; SILVA, M. T. A. Dependência de drogas. **Psicologia USP**, v. 17, n. 4, p. 213-240, 2006.
- MACHADO, L. V.; BOARINI, M. L. Políticas sobre drogas no Brasil: a estratégia de redução de danos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 580-595, 2013.
- MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MUNDIM, M. M.; BUENO, G. N. Análise comportamental em um caso de dependência à nicotina. **Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn.**, v. VIII, n. 2, p. 179-181, 2006.
- OMS. Organização Mundial de Saúde. **Classificação dos transtornos mentais e de comportamento da CID-10**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10- Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. Tradução: Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em português. 9. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 312-314.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório sobre a Saúde no Mundo 2001 – Saúde Mental**: Nova Conceção, Nova Esperança. Genebra: OMS, 2001.
- PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 203-211, june. 2009.
- SCHNEIDER, D. R.; LIMA, D. S. de. Implicações dos modelos de atenção à dependência de álcool e outras drogas na rede básica em saúde. **Psico**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 168-178, abr./jun. 2011.
- SILVA, M. T. A. *et al.* Análise Funcional das Dependências de Drogas. In: GUILHARDI, Hélio José et al. **Sobre Comportamento e Cognição**: Expondo a Variabilidade. Santo André: ESETEC Editores Associados, 2001. p. 422-442.